



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

AYLANNE SOUSA VAZ

**AMOR COMO RESISTÊNCIA:
UM DIÁLOGO ENTRE CHRISTINE DE PIZAN E BELL HOOKS**

**BRASÍLIA
2024**

AYLANNE SOUSA VAZ

**AMOR COMO RESISTÊNCIA:
UM DIÁLOGO ENTRE CHRISTINE DE PIZAN E BELL HOOKS**

Trabalho de conclusão de Curso,
apresentado à Universidade de Brasília,
como parte das exigências para a
obtenção do título de licenciado em
Filosofia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Miriam Wuensch

**Brasília
2024**

CIP - Catalogação na Publicação

S393a Sousa Vaz, Aylanne.
AMOR COMO RESISTÊNCIA: UM DIÁLOGO ENTRE CHRISTINE DE
PIZAN E BELL HOOKS / Aylanne Sousa Vaz; orientador Ana
Miriam Wuensch. -- Brasília, 2024.
41 p.

Monografia (Graduação - Filosofia) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Christine de Pizan. 2. bell hooks. 3. Amor. 4. Ética
comunitária. 5. Educação. I. Wuensch, Ana Miriam, orient.
II. Título.

**AMOR COMO RESISTÊNCIA:
UM DIÁLOGO ENTRE CHRISTINE DE PIZAN E BELL HOOKS**

Trabalho de conclusão de Curso,
apresentado à Universidade de Brasília,
como parte das exigências para a
obtenção do título de licenciado em
Filosofia.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Miriam Wuensch

Universidade de Brasília

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Pedreira de Almeida

Universidade de Brasília

Examinadora

RESUMO

Este trabalho investiga o amor a partir de Christine de Pizan (1364-1430), e de bell hooks, escritora afro-americana da diáspora (1952-2021), filósofas que escrevem em tempos e espaços geográficos distintos. Ambas enfrentaram o patriarcado - e no caso de hooks, também o racismo – que ainda vigora na sociedade. Então, de que maneira o amor seria uma aposta para uma vida digna dos mais marginalizados, especialmente as mulheres em populações racializadas? O objetivo neste trabalho é discorrer sobre o amor como virtude, potência ética capaz de transformar a sociedade a partir da análise de obras de Pizan e hooks, na medida em que ambas autoras também alertam que as mulheres são bem mais ativas na prática de amar do que os homens. Por fim, o amor se apresenta como resistência, seja pela literatura que fomenta a esperança, ou pela construção de comunidades como espaços de cuidado e cura.

Palavras-chave: Christine de Pizan. bell hooks. Amor. Ética comunitária. Educação.

ABSTRACT

This work investigates love from the perspective of Christine de Pizan (1364-1430), and bell hooks, an African-American writer from the diaspora (1952-2021), philosophers who write in different times and geographical spaces. Both faced the patriarchy - and in hooks, also the racism - that still prevails in society. So, how would love be a bet for a dignified life for the most marginalized, especially women in racialized populations? The objective of this work is to discuss love as a virtue, an ethical power capable of transforming society based on the analysis of works by Pizan and hooks, as both authors also warn that women are much more active in the practice of loving than than men. Finally, love presents itself as resistance, whether through literature that fosters hope, or through the construction of communities as spaces of care and healing.

Keywords: Christine de Pizan. bell hooks. Love. Community ethics. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. CHRISTINE DE PIZAN E A CIDADE DAS DAMAS: A DEFESA DA MULHER E A RECONCEITUAÇÃO DO AMOR	8
1.1. Christine de Pizan em defesa das mulheres	8
1.2. Uma cidade de cuidado e cura	13
1.3. Virtude e transgressão prudente: a subversão estratégica de Christine de Pizan	16
1.4. O amor como virtude na construção da Cidade das Damas	18
2. O AMOR COMO ATO DE RESISTÊNCIA E CURA EM BELL HOOKS.....	21
2.1 A filosofia moderna na construção da identidade negra.....	23
2.2A resistência amorosa das comunidades na preservação de sua identidade	26
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
2.3A conexão entre Christine de Pizan e bell hooks através dos séculos	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

INTRODUÇÃO

O amor é um tema filosófico ocidental de longa duração, desde os poemas de Safo ou os diálogos de Platão (*O Banquete*). Escolhemos investigar o amor numa perspectiva ético-política em duas autoras que estão às margens da filosofia, Christine de Pizan (1364-1430) e bell hooks¹ (1952-2021). É que o amor, por vezes, foi esquecido ou até mesmo visto como privilégio dos mais bem sucedidos economicamente. Pode, então, os mais violentados usufruírem do amor para reivindicar uma vida digna? Essas autoras compartilham a consciência não apenas de suas próprias angústias e projetos, mas também das dores vividas na sociedade patriarcal ocidental, e descrevem-na como sexista e misógina (em Pizan), capitalista sexista e racista (em hooks). Então, as escolhemos como autoras que contribuem para uma reflexão sobre a resistência amorosa ou o amor como virtude da resistência de mulheres – em favor de outra sociedade e outra fraternidade/solidariedade entre homens e mulheres.

O primeiro capítulo desta monografia tem o intuito de apresentar o contexto que estava inserida Christine de Pizan, e sua defesa as mulheres, como também a apresentação do livro *A Cidade das Damas* (1405), no qual a autora denuncia as atrocidades cometidas pelos homens contra o sexo feminino. Sua obra chega até nós por conta de sua transgressão prudente, diante da hegemonia autoral masculina da época. Examinamos como esta obra não apenas denuncia o assédio e outros graves crimes contra as mulheres, mas também visa à construção de uma cidade-fortaleza, que acolha e valorize a existência das mulheres, e assim fazendo perdurar, pelo exemplo a potência de suas múltiplas virtudes. O que torna esse espaço literário um lugar de cuidado e de cura, tanto para a personagem Christine quanto para nós, leitoras (es). O amor é fundamental na construção desta cidade, é a sua virtude por excelência.

O segundo capítulo foi elaborado a partir da visão de bell hooks, com o propósito de investigar a potência do amor como resistência e cura para as comunidades negras contemporâneas. A compreensão do amor que a autora

¹ Batizada com o nome de Gloria Jean Watkins, o nome bell hooks em minúsculo é para enfatizar o coletivo e para homenagear sua avó materna, Bell Blair Hooks. Além disso, a escolha do pseudônimo reflete sua crença na importância das ideias sobre a identidade individual. No corpo do texto optamos por deixar em minúsculo, mas em citações diretas e nas referências seguiremos as normas.

apresenta em seus livros é uma potência ética, com capacidade de transformar as dores por meio da ação, pois o *amor é o que o amor faz*². Neste capítulo, aproximamos criticamente a filosofia moderna da reconstrução contemporânea dos afetos e da identidade do povo negro, pois essa filosofia vai desprezar os sentimentos e os corpos negros, na medida em que nesse período a filosofia europeia justificou o projeto colonial que escravizou e traficou populações africanas por séculos. Em seguida, verificamos a função amorosa na construção dessas comunidades, que foram, e são espaços de proteção e garantia de sobrevivência, mas também de *reexistência* dos corpos negros marginalizados.

Em complemento, a título de considerações finais, buscamos fazer algumas aproximações entre as autoras, na medida em que ambas foram mulheres educadas e conscientes dos problemas sociais de suas respectivas época, denunciando-os e comprometendo-se com suas próprias comunidades, compartilhando experiências e instruindo a todos para caminhos mais amorosos, e ampliando novas comunidades pelo mundo e pela história. A leitura das obras destas pensadoras fomenta em nós a chama da esperança para uma sociedade melhor.

² Hooks, 2021.

Capítulo 1

CHRISTINE DE PIZAN E A CIDADE DAS DAMAS: A DEFESA DA MULHER E A RECONCEITUAÇÃO DO AMOR

A autora ítalo-francesa Christine de Pizan (1364-1430) é uma das mulheres mais eminentes da Idade Média, conhecida por sua defesa das mulheres e suas contribuições na escrita, com diversos títulos de trabalhos em prosa e em verso, entre eles: escritos autobiográficos sobre sua educação, casamento, viuvez, a biografia de Carlos V, o Rei sábio da França, um elogio a Joana D'Arc, correspondências (epístolas), estudos de mitologia, entre obras sobre guerra e paz e a condição humana. (Conforme o verbete de Schmidt, 2020).

Apesar da educação ser designada aos homens, preferencialmente aos clérigos³, Christine cresceu e foi educada privadamente na corte francesa de Carlos V, pois seu pai, médico e astrólogo da Universidade de Bolonha, Itália, fora convidado para ser o conselheiro do Rei. Nesta corte, a cultura e a intelectualidade de Pizan foram desenvolvidas. Diante da consumação de Fortuna em sua vida - a morte de seu pai e de seu ditoso esposo, aceitou encomendas de trabalhos (como a biografia do Rei Carlos V) e dedicou-se ao ofício da escrita para o sustento de sua família. “Pizan é considerada a primeira mulher escritora profissional no ocidente” (Schmidt, 2020, p.1). A viuvez no medievo e na classe social de Pizan representava uma maior liberdade para as mulheres, permitindo-lhes não ficarem restritas apenas aos trabalhos domésticos. Dedicou-se às letras, lendo e escrevendo para proteger e dignificar a figura e os direitos das mulheres.

1.1 Christine de Pizan em defesa das mulheres

O protagonismo de Christine de Pizan em defesa das mulheres está registrado em *L'Epistre au Dieu d'Amour* (1399) e *Querelle du Roman de la Rose* (1401); uma intensa troca de correspondências ou epístolas entre Pizan e seus contemporâneos,

³ A maioria das produções intelectuais conhecidas são de clérigos da igreja: “De modo geral, era muito incomum que mulheres desenvolvessem a prática da escrita na Idade Média fora dos contextos monásticos, onde a educação religiosa vinha acompanhada de certa instrução. Cabe notar que esse fato se reflete na iconografia da época, onde são raras as representações de mulheres autoras ou como autoridades intelectuais.” (Schmidt, 2020, p. 2). Mas a teóloga Lieve Troch argumenta que as mulheres, em diversas classes sociais do medievo europeu, eram mais instruídas em geral, pregando e instruindo, lendo e escrevendo bem mais do que a maioria dos homens, analfabetos, entre o os séculos XI e XIV (Troch, 2013, p.3).

sobre um livro popular, o *Roman de la Rose*. De acordo com Barros (2011)⁴, o amor medieval se apresenta com uma diversidade de amores, como a lírica dos trovadores e as cantigas de amor. Esses sentidos do amor aparecem no *Roman de la Rose*, cuja primeira parte foi escrita pelo poeta francês Guillaume de Lorris, e onde a mulher é exaltada e idealizada pelo amor cortês; uma segunda parte da obra foi escrita em versos pelo clérigo francês Jean de Meung, onde a figura da mulher é desprezada de muitos modos e subalternizada aos interesses do homem em franca hostilidade misógina. Christine de Pizan defende as mulheres dos ataques misóginos em suas correspondências, apoiada nos ideais e valores do amor cortês:

“O Amor Cortês, em suma, deleita mas faz sofrer, aprimora mas fragiliza, erotiza mas idealiza, educa mas enlouquece, submete mas enobrece. Emoções e resultados os mais contraditórios harmonizam-se no seu seio, nas vidas intensas dos trovadores, nos seus poemas apaixonados. Em todo o caso, proclama a autonomia dos sentimentos face à racionalidade medida pelo saber erudito, face à religiosidade controlada pela Igreja na sua forma ortodoxa, face aos poderes e micropoderes exercidos pela família e pela sociedade para conservar o indivíduo sob o jugo de seus imperativos principais.” (Barros, 2011, p. 199).

Christine de Pizan critica os escritos de Jean de Meung, que desdenham e objetificam a mulher. Sua literatura é uma oposição a esse costume dos intelectuais cristãos, como Jean de Meung, de maldizer as mulheres e argumentar contra elas. Mais do que isso, funda na corte francesa a *Ordem da Rosa*, um círculo que reúne os nobres homens e mulheres em defesa da honra feminina.

A *Querelle du Roman de la Rose* e a *L'Epistre au Dieu d'Amour* inauguram o que vem sendo denominado e estudado como a *Querelle des Femmes*, conforme Deplagne (2021). Embora os textos das correspondências reunidas compreendam um curto período de intenso debate num pequeno círculo social, contendo críticas ou apoio às mulheres da época, as demandas e o debate das mulheres acerca de sua condição social, política e filosófica atravessam os séculos modernos (como se pode verificar na Introdução ao livro de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*).

Em seu contexto, Christine de Pizan empreendeu uma reconstrução da história das mulheres, apontou uma estratégia de acesso das mulheres à educação, e um novo ponto de vista interpretativo das sagradas escrituras e das obras dos santos da igreja, configurando o que se denomina como mística feminina, em sua formulação

⁴ A obra é composta por dois autores, Guillaume de Lorris, em 1245 e anos depois pelo Jean de Meung.

medieval (Troch, 2013). Esse momento representou uma oportunidade ideal para o fortalecimento de uma consciência da condição social das mulheres, e para buscar as mudanças sociais necessárias (protofeminismo).

Na sequência deste debate literário protagonizado por Christine de Pizan, outra obra relevante é a *Cidade das Damas* (1405). É nesta obra que vamos adentrar – por tratar da questão do amor das mulheres e suas famílias, do amor a Deus e à Natureza, ao mundo e suas cidades -, apresentando os múltiplos interesses das mulheres, no cenário medieval cristão, de um ponto de vista laico e filosófico.

Por volta do século XIV, o poder das mulheres foi sendo drasticamente reduzido em detrimento do poder do clero. Anteriormente, dos séculos XI aos meados do século XIII elas detinham uma grande influência na economia, na política e na sociedade, dominando as letras e ocupando os cargos intelectuais de pregação e instrução de crianças, que mais tarde seriam ocupados pelos homens da igreja (Troch, 2013). O surgimento das universidades (redutos de homens) exemplifica o afastamento das mulheres não apenas do âmbito intelectual, mas também do moral. Como se pode ler em *A Cidade Das Damas*:

"Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício." (Pizan, 2012, p. 58-59).

A sociedade medieval patriarcal era fortalecida pela grande influência material e moral da Igreja Católica, que estabelecia um ordenamento teológico de submissão das mulheres aos homens; facilmente, então, mesmo os piores homens ocupavam uma posição social privilegiada.⁵ Muitos homens insistiam em maldizer as mulheres, para assim justificar todas as perseguições e violências contra elas. Inclusive expulsando aquelas que ensinaram nas universidades ou pregaram em nome da mensagem de Cristo. Pizan identifica e denuncia todas essas atrocidades em sua abordagem, recorrendo à mística, ou seja, uma teologia das mulheres. De modo estratégico ela denuncia e contesta as inverdades oriundas do poder masculino, na medida em que abre um espaço possível para apreciação e mudanças⁶ desde o âmbito cultural feminino.

⁵ Chagas, L; Chagas, A. 2017.

⁶ Diante de tantos benefícios, resoluções que as mulheres trazem à humanidade, as Damas dão como exemplos muitas mulheres, inclusive, Minerva, que foi muito sábia, trouxe vestes de lã, desenvolveu

O livro da *Cidade das Damas* (1405) se desenvolve numa relação dialógica entre as principais personagens, a aprendiz Christine e três Damas alegóricas - Razão, Retidão e Justiça. Por meio de uma linguagem alegórica e de visões⁷, como se observa no texto, quando aparecem e se apresentam à Christine três Damas coroadas, filhas e emissárias de Deus:

“Prezada filha, deves saber que a providência divina, que não faz nada ao acaso, encarregou-o de morar entre as pessoas desse mundo de baixo, apesar de nossa essência celeste, para zelarmos pela manutenção e pela boa ordem das leis convenientes aos diversos estados, e que fizemos segundo a vontade de Deus, pois somos, todas as três, filhas de Deus e de nascimento divino.” (Pizan, 2012, p. 64, *modificado*)

Como uma obra alegórica, a *Cidade das Damas* critica a hegemonia misógina que insiste em inferiorizar - intelectual, moral e fisicamente - as mulheres. Também é uma cidade metaforicamente fundada em terra fértil, que servirá como abrigo e fortaleza para o cuidado e a proteção das gerações de mulheres virtuosas:

(*Dama Razão*) “Levante-te, filha! Sem mais demora, partamos ao Campo das Letras; é nessa terra rica e fértil que será fundada a Cidade das Damas, lá onde se encontram tantos frutos e doces rios, lá onde a terra abunda em tantas coisas boas. Pega a enxada de tua inteligência e cava bem.” (Pizan, 2012, p. 73).

A inquietação da personagem Christine tem início ao ler um livrinho de Mateolo, que ofende as mulheres, expondo os maldizeres dos homens que atordoam a sua consciência como mulher leitora, pois suas próprias experiências, e a experiência das outras mulheres contrariam tudo que diz o autor. Como se lê no texto:

“Completamente absorta por essas reflexões, fui inundada pelo desgosto e pela consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza.” (Pizan, 2012, p. 60).

A autora Pizan busca restabelecer a verdade em contraste com a credibilidade⁸ dos eruditos em seus textos misóginos, ou seja, os homens dizem

um modo de fazer armaduras para uma melhor proteção dos cavalheiros, e também a construção de charretes evitando uma carga pesada nos braços, e ainda assim, os homens são extremamente ingratos. Christine ressalta que, porque eles tiveram mães, poderiam ter mais respeito, na medida que usufruem de todos os benefícios que as mulheres trouxeram ao mundo. (Pizan, 2012, p.145).

⁷ A visão (mística) é uma das estratégias para confrontar a voz dominante, as mulheres demonstram que não é o sentimentalismo que se manifesta, mas sim a vontade de Deus; e assim garantem sua voz e sua autoridade. (Troch, 2013).

⁸ De antemão, Christine lamenta ser mulher, coloca-se como uma serva inútil por não ser do sexo masculino, porém no decorrer de suas lamentações para com Deus, reconhece, com a ajuda das

muitas atrocidades contras as mulheres, e isso se torna um dogma. No entanto, a dama Razão recorda dos artifícios da linguagem, como a ironia, para instruir a compreensão do oposto ao que está literalmente escrito. Também a experiência é um recurso para demonstrar a verdade. Como diz esta dama:

“Concentra-te, retoma tua consciência e não te preocupas mais com essas tolices; sabes que uma difamação categórica das mulheres não conseguiria atingi-las, mas, sempre volta contra os seus autores.” (Pizan, 2012, p. 63).

A personagem Christine, que desperta para a consciência da misoginia logo no início do livro, passa a ser instruída pelas três Damas que comparecem diante dela para orientá-la a construir uma cidade-refúgio, uma fortaleza para as mulheres de todas as eras e de todo mundo⁹. A obra é marcada por biografias de ilustres mulheres em suas diversas vocações e virtudes: das ciências à artes, das estratégias militares ao governo das cidades, da maternidade à viuvez, e mesmo as castas, seja na vida laica ou religiosa de diversas culturas do mundo conhecido na época, incluindo as sibilas, e as santas e mártires cristãs.

Estas mulheres exemplares, estrategicamente recolhidas no livro, tem suas biografias exaltadas acompanhando os argumentos que desconstroem a misoginia, enquanto edificam a Cidade como um "novo Reino do Feminino". Vale destacar a pluralidade de virtudes de mulheres não cristãs, como a rainha Semíramis que era excelente na prática das armas e conquistou muitos territórios - e para que não tivesse outra mulher coroada, casou-se com seu filho; como não havia leis escritas na época, a dama Razão argumenta que não houve pecado, e assim ela agiu conforme o seu discernimento.

Schmidt (2018) ressalta os argumentos bem estruturados de Pizan, sempre reforçados por exemplos, que confrontam os ataques feitos pelos homens, reivindicando para as mulheres a mesma natureza intelectual que eles – ambos criaturas dotadas de razão. As desigualdades entre os gêneros ocorrem mais pela falta de oportunidade do que pela respectiva capacidade de aprender. Como se pode ler em *A Cidade das Damas*:

Damas que as ofensas constituem apenas falácias, isto é, raciocínios inválidos, embora provoquem grande efeito retórico sobre o ânimo das mulheres e dos homens.

⁹ Sobre o cosmopolitismo da obra *Cidade das Damas*, conferir o texto " A cidade-mundo de Christine de Pizan" (Wuensch, 2018).

“(...) se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como o fazem os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências perfeitamente quanto eles.” (Pizan, 2012, p. 126).

1. 2 Uma cidade de cuidado e cura

Além das denúncias de misoginia e hipocrisia masculina, o livro também empreende a construção de um ambiente esclarecedor, com potencial para transformações sociais a partir de nova base para a valorização do feminino. A estrutura literária desta Cidade ocorre por meio da metáfora da construção, conforme Deplagne (2012): a edificação da obra literária e a própria cidade das damas e sua habitação: *“no campo semântico da construção, os exemplos e argumentos correspondem, na obra, a um canteiro de pedras”*¹⁰ e, do mesmo modo, o próprio processo de projetar e construir, que corresponde, segundo Deplagne, à uma *“filosofia da ação”* capaz de edificar o projeto desejado, imaginado, sonhado (visão), em meio a uma realidade injusta e desigual. Para Schmidt (2018), esta metáfora é uma *refundação* da intelectualidade e criatividade da mulher, como um espaço próprio, e protegido da misoginia.

Assim, uma vez que a obra apresenta uma estrutura argumentativa robusta e acolhedora, a Cidade se torna um espaço de cuidado e de cura, pela valorização do feminino. O primeiro momento de cuidado, na obra, ocorre quando Christine se mostra assustada com a visão de três damas coroadas, mas diante de suas inquietações, a dama Razão se dirige a ela e diz: *“Cara filha, não tenhas medo, não viemos aqui para te fazer mal, ou te prejudicar, mas para te consolar.”* (Pizan, 2012, p. 61). E assim começa um cuidadoso trabalho das damas com Christine, desfazendo paradigmas de inferiorização interiorizados pelas mulheres. É um convite para ela (e para nós) sair da ignorância. Em favor das mulheres, a dama Razão orienta Christine para uma observação ativa dos livros dos homens doutos, que geralmente contradizem uns aos outros: a mulher é importante, pois, caso não fosse, nem seria mencionada. Por isso, a lição da Razão de sempre entender o contrário do que os autores dizem, e usá-los a seu favor. Neste primeiro momento, com a ajuda das Damas, nenhuma injustiça dita ou escrita persistirá, e desconstruído os preconceitos em relação às mulheres,

¹⁰ Apresentação da tradutora Luciana Calado Deplagne ao livro A Cidade das Damas, 2012, p. 21 e 23.

Christine se fortalece, pois, a *Cidade das Damas* é extremamente fértil, onde vingarão muitos frutos, e numerosas vocações. Também avança a reconstrução da dimensão feminina dos afetos pelo diálogo das Damas com Christine. Deplagne (2006) afirma que a escrita de Pizan tem capacidade de transformar os defeitos das mulheres apontados pelos homens, em virtudes.

Esta atenção aos afetos da personagem Christine pode ser verificado pelo uso de vocativos carinhosos junto com as lições que as Damas professam para ela: "cara filha", "cara amiga", "bela filha". O carinho e o respeito delas com Christine também nos afeta, enquanto lemos. As Damas demonstram o valor da existência das mulheres, e de todos os benefícios que elas deram às civilizações; também revelam que a mulher está justificada desde a criação nos planos de Deus (um argumento teológico, de Eva à Maria). É por isso que a construção desta Cidade valoriza sua existência e obras, sem jamais findar-se¹¹; e sendo as Damas enviadas pela providência divina, pode-se confiar nesta promessa.

Christine é digna da presença da divina trindade feminina das Damas, na medida em que seu compromisso com a verdade, por meio de longo estudo, a deixou numa triste solidão:

“(...) mereceste nossa amizade, mostraste digna de nossa visita, como uma cara amiga, para ser consolada por esse tormento e tristeza; e para iluminar aquilo que perturba e estorva sua alma, obscurecendo seu pensamento.”
(Pizan, 2012, p. 65).

Ela também é a melhor vocacionada para a missão de construir esta Cidade, do mesmo modo que a virgem Maria foi *escolhida* para ser mãe do “verbo que se fez carne”. Por meio da deliberação e do aceite, deu-se o *fiat* (faça-se) que permitiu, por meio de Maria, que a humanidade conhecesse o Cristo homem. Assim Christine, ao compreender que foi a escolhida para edificar uma importante Cidade para as mulheres - e que esta seria bela e eterna, uma fortaleza perene onde pudessem se refugiar e se defender de seus acusadores –, colocou-se então como a Virgem, diante das Damas enviadas em missão: "Eis-me aqui, pronta. Ordenai-me, pois meu desejo

¹¹ A Dama Razão profetiza, como uma *sibila* (aquela que conhece o pensamento de Deus), que a Cidade fundada por elas não terá fim e permanecerá eternamente neste mundo. (Pizan, 2012, p. 67 e p. 167).

é de obedecer, faça-se!"¹². Pois em sua pequenez diante do divino, ela se reconhece como um tabernáculo obscuro.

No entanto, a Dama Retidão afirma: “Eu sou o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. Não temas, pois tem o nosso auxílio e a ajuda de Deus.” (Pizan, 2012, p. 69), a Retidão traz consigo um bastão que funciona como uma régua que não serve apenas para verificar as medidas das construções da Cidade, mas também para distinguir o bem e o mal. A Dama Razão também oferece seu auxílio a Christine: “(...) eu te fornecerei uma argamassa resistente e incorruptível, para que possas fazer fundações sólidas, e que possas levantar, em torno, grandes muros altos e espessos” (Pizan, 2012, p. 68). A Razão a guia para que não cometa erros, e que tenha os fundamentos para levantar os muros da Cidade, essas muralhas representam fortaleza e proteção. E a Dama Justiça irá auxiliá-la com o acabamento da Cidade “Ficará sob minha responsabilidade, fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões (...) eu a povoarei de mulheres ilustres para ti” (Pizan, 2012, p.71).

“Eis, assim, que se abre um novo reino do feminino, bem mais digno do que aquele de outrora, uma vez que as mulheres que serão alojadas não terão de deixar suas terras para conceber ou dar à luz a suas herdeiras, para que se perpetue a propriedade em sua própria linhagem. Aliás, aquelas que hospedaremos agora, ficarão lá eternamente.” (Pizan, 2012, p. 185).

A *Cidade das Damas* faz um levantamento histórico da diversidade das vocações que as mulheres responderam com virtude: são mulheres fortes e corajosas como as Amazonas e a Rainha Ceres, inteligentes como Safo e Carmenta, sábias e prudentes como Rainha Dido e Rainha Opis, profetizas como as sibilas, mulheres caridosas e de fé como as santas e mártires, entre outros talentos e virtudes engenhosas, como novas técnicas e ciências que servem à humanidade, como agricultura e tecelagem, que garantem um maior conforto, além do cuidado de seus semelhantes e familiares.

As histórias de mulheres louváveis e virtuosas servem de inspiração para as mulheres de hoje - a capacidade da mulher de ver o extraordinário no ordinário. A mulher transgredir com aquilo que está além da sua realidade, por vezes, dolorida, ou seja, ela usufrui do amor. Como diz Comte-Sponville:

¹² Pizan, 2012, p. 72 e p. 166.

“Quando o amor existe, em compensação, as outras virtudes seguem-se espontaneamente, como se fossem naturais, a ponto de se anularem como virtudes específicas ou especificamente morais.” (Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, 1999, p. 141).

1.3 Virtude e transgressão prudente: a subversão estratégica de Christine de Pizan

A virtude da prudência¹³ é a moderação, a temperança, a sensatez, acompanhada de uma boa intenção, e ela governa outras virtudes, utilizando-se da sabedoria e delibera com cuidado abstendo-se ou realizando algo. A prudência é uma virtude presente nas mulheres. Christine quer saber se o bom senso faz parte da natureza da mulher:

“Eis por que, Dama ficaria grata de saber se o espírito feminino é capaz de julgamento e de discernimento, como sei agora, pelos vossos exemplos e pela minha própria experiência, que elas podem reter as coisas mais difíceis, em ciências como em outras áreas. Porém, elas são capazes de decidir o que é melhor a ser feito e o que deve ser deixado de lado? São capazes de aprender com a experiência? Conseguindo, através das lembranças do passado, julgar melhor sua conduta do presente e tornarem-se sábias em relação aos momentos futuros. Pois, tais coisas, como bem me parece, é a prudência que ensina.” (Pizan, 2012, p. 153).

A Dama Razão responde a Christine que a prudência está presente tanto no homem como na mulher, e que o bom senso é uma disposição natural que finda junto com a morte, mas o saber adquirido é muito mais potente para a humanidade. Evidencia que as mulheres são dotadas dessa virtude: “Verás que todas ou, pelo menos, o maior número dentre elas, são cuidadosas, atentas e diligentes na conduta de seu lar, cuidando de tudo com tanta eficiência” (Pizan, 2012, p. 155).

No século XVII, a sociedade espanhola, extremamente machista, passou por algumas transformações que questionam a posição das mulheres. Um desses homens que contribuem para defesa das virtudes das mulheres é Juan Bautiste Cubié. Ele recorda que os Sábios Lacedemônios comunicavam tudo as mulheres e pediam seus conselhos, e os Atenenses também queriam o juízo e a prudência das mulheres acerca dos casos no Senado. “Não sei que razão se pode ter para supor pouco juízo nas Mulheres, quando o mesmo Aristóteles, que tanto as vitupera, acha-as mais astutas e sagazes que os Homens.” (Cubié, 2012, p.57).

¹³ “A prudência determina o que é necessário escolher e o que é necessário evitar. Ora, o perigo pertence, na maioria dos casos, a esta última categoria; daí a prudência, no sentido moderno do termo (a prudência como precaução). Todavia, há riscos que é necessário correr, perigos que é preciso enfrentar; daí a prudência, no sentido antigo (a prudência como “virtude do risco e da decisão”).” (Comte-Sponville, 1999, p.19).

Em face do contexto hegemônico do catolicismo, Christine se coloca de modo muito humilde para modificar esse cenário, e nisso está a sua prudência. Faz-se uma alma cativa que não duvida da onipotência e bondade divina, e então faz súplicas a Deus, lamentando o seu “ser mulher”¹⁴. “Como não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha negligência ao te servir, senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe do seu senhor, menos é obrigado a servi-lo.” (Pizan, 2012, p. 60) Eis uma referência à sagrada escritura¹⁵, que é o argumento de propriedade que a narradora-personagem utiliza com muita cautela e constância, pois se fosse intrépida não seria vista como santa ou conforme os padrões, e sim uma herege.

E assim, a transgressão prudente – que é o modo estratégico da autora para que sua obra seja lida sem ser censurada, pois critica a hegemonia religiosa e masculina da época. A estratégia cuidadosa de Pizan se faz presente logo na escolha das personagens, as Damas alegóricas Razão, Retidão e Justiça, que são virtudes maiores, descritas no texto como filhas de Deus, representantes do desejo divino, e da verdade que se revela na argumentação das damas, em contraposição aos argumentos dos homens.

“Pois, eles dizem que mais o corpo é imperfeito, mais o caráter é menor. Consequentemente, as mulheres seriam menos dignas de louvor.” (Pizan, 2012, p. 97).

A Dama Razão fala que quando há algo de imperfeito, Deus agracia a mulher com outro dom, dando-lhe muitas virtudes, como amar a Deus e não pecar, ou seja, não sofrerá as consequências dos pecados. Quem tem essa voz ativa que afirma o erro dos homens são as damas - elas sugerem para ficar com o oposto do que eles dizem como verdadeiro¹⁶. Apenas no terceiro livro, Christine se dirige aos seus leitores. As biografias trazidas por Pizan é um modo de argumentar refutando as falácias masculinas.

¹⁴ “Ah, Deus! Como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa?” (Pizan, 2012, p. 60)

¹⁵ Lucas 12, versículo 48, “Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido.”

¹⁶ “Bela doce amiga, não ouvistes dizer que “macaco não enxerga o seu rabo, mas enxerga o da cutia? Mostrar-te-ei que é uma grande contradição dos homens falarem tanto na leviandade e inconstância das mulheres. (Pizan, 2012, p. 238). Eles transgridem legitimamente colocando a fonte de todo mal nas mulheres, e quando eles caem dizem que “pecar é humano”.

“O grande número de exemplos (uma centena) certamente serve a um propósito argumentativo: ao passo que o público leitor é atingido por uma avalanche de casos, chega-se à conclusão que a existência de mulheres virtuosas não configura uma exceção.” (Schmidt, 2018, p. 31).

1.4 O amor como virtude na construção da Cidade das Damas

A relação amorosa das três Damas com Christine, e da autora Pizan conosco, leitoras e leitores de seu livro, é de tamanha generosidade, que mesmo diante das barbaridades dos homens, as ações são marcadas pela gratidão da vida do outro, por partilhas e por alegrias (*Philia*). É nessa amizade, que também pode ter um interesse comum, como no caso do bem-viver e poder existir diverso e plural das mulheres. Já o amor *Ágape*¹⁷ se faz presente, pois é um amor puro, gratuito, onde a benevolência está sempre frequente, e Deus, ao escolher Christine para a reestruturação e restauração do mundo, não apenas de uma cidade, mas de um modo de vida, demonstra todo Seu cuidado com a Criação.

O amor dos homens perpassa pelo Eros platônico¹⁸; que é um desejo pelo que falta, com cobiça, e sempre buscando no outro; aquilo de que carece. No fim eles saem sempre insatisfeitos - e, por isso são inconstantes. Como no caso da Rainha Dido, que recebeu Eneias e seus soldados com muita hospitalidade, os dois acabaram se apaixonando, fizeram votos de fidelidade um ao outro, porém ficou evidente que o amor da Rainha de Cartago, Dido, era maior do que o de Eneias por ela, ele a abandona sem ao menos se despedir, depois de todo cuidado recebido e das reformas em seus navios. Ela o amou por inteiro e quis renunciar a própria vida. Outro caso é o de Medeia Amante, que amava intensamente Jasão, esse que ansiava muito um tesouro, mas o processo de conquistar era quase impossível, Medeia, então, querendo ajudar aquele que amava, usou os feitiços, mas em troca disso Jasão a teria como esposa. “Jasão não cumpriu a promessa: depois de conseguir dela o que desejava, deixou-a por uma outra. Medeia, que teria preferido morrer a tê-lo enganado

¹⁷ “Esse amor é absolutamente primeiro, absolutamente ativo (e não reativo), absolutamente livre: não é determinado pelo valor do que ele ama, que lhe faltaria (erôs) ou o alegraria (philia), mas, ao contrário, ele determina esse valor amando. Ele é a fonte de todo valor, de toda falta, de toda alegria.” (Comte-Sponville, 1999, p. 147).

¹⁸ “(...) a lógica de Eros: se o amor é desejo, se o desejo é carência, só podemos amar o que não temos, e sofrer com essa carência; só podemos ter o que já não falta e que, portanto, não poderíamos continuar a amar (pois o amor é falta).” (Comte-Sponville, 1999, p. 128). Este amor do Comte-Sponville, parece explicar a lógica da visão dos homens, mas não parece ser sobre o amor do que fala Pizan e hooks, pois o amor nessas autoras é um amor compromissado que leva a cura, que amplia boas possibilidades.

dessa forma, caiu em desespero e nunca mais soube o que era alegria no coração.” (Pizan, 2012, p. 267). Essa é a tradição masculina do amor.

O amor cura e transforma; a mulher é um sujeito ativo nessa virtude. No decorrer, no diálogo com as damas, é exposto o amor filial¹⁹, esponsal, conjugal e outros. As mulheres se entregam numa oblação quase que perfeita, pois são leais aos seus maridos e países, de modo, por vezes, heroico. Então, a constância das mulheres é causa de cura, não só física, mas também espiritual, “quando uma mulher dá seu coração, o amor dela é profundo e constante.” (Pizan, 2012, p. 280).

“Quantos santos mártires, como já havia contado, foram confortados, cuidados, abrigados, escondidos, por simples mulheres, viúvas ou mulheres excelentes? Se leres suas histórias, observar que Deus quis que todos eles, ou a maior parte, fossem confortados no sofrimento e no martírio pelas mulheres. Que disse? Não apenas os mártires, também os apóstolos, São Paulo e outros, até Jesus Cristo foi reconfortado pelas mulheres.” (Pizan, 2012, p.224).

Por fim, construir a Cidade é não aceitar a comodidade violenta (silenciosa, pois é interiorizada) a que as mulheres estão submetidas, mesmo que seja escancarada. Apesar de toda violência verbal e o martírio narrados na terceira parte do livro da *Cidade das Damas*, a literatura de Pizan é uma resistência; o amor é mais do que presente nessa cidadela; é uma virtude essencial para adentrar nessa Cidade literária e, principalmente, sobreviver diante de tantos ataques²⁰. No próximo capítulo veremos o amor como prática ética na perspectiva de bell hooks tendo passado mais de seis séculos dos escritos de Pizan, e novas violências que Pizan - não viu acontecer, como o sistema de escravização colonial e o racismo moderno, esses grupos também precisarão de um refúgio e de cura.

¹⁹ “Encontra-se com bem mais frequência as filhas em companhia de seus pais, do que os filhos. E são elas que os visitam mais, os confortam e tomam conta deles na velhice ou na doença.” (Pizan, 2012, p. 181).

²⁰ Por exemplo o caso de Santa Margarida, nascida em Antioquia. O prefeito do imperador a quis, e Margarida o recusou, então ele, mandou a chicotear e a prendeu, por fim foi decapitada, mas consolada por Deus durante todo o sofrimento (Pizan, 2012, págs, 299-300).

Capítulo 2

O AMOR COMO ATO DE RESISTÊNCIA E CURA EM BELL HOOKS

A pensadora negra estadunidense bell hooks (1952-2021) foi professora, escritora, ativista antirracista e feminista com mais de trinta livros publicados sobre raça, gênero, educação, desigualdade social e a importância do amor. De origem humilde, hooks frequentou escolas segregadas pela raça; a educação era uma instância tida fortemente com bases políticas para a luta antirracista. Suas professoras, também negras, encaravam a docência como uma missão para revolução e resistência às influências da colonialidade. “O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a ‘cabeça’”. (Hooks, 2017, p.10). A educação²¹ é revolucionária, assim como a discussão sobre o amor. Neste capítulo investigaremos a potência do amor, pois esta tem o poder de interromper preconceitos que causam dores e, assim, trilhar o caminho para uma sociedade mais cuidadosa.

A escravidão deixou uma ferida emocional muito grande que interfere na capacidade dos negros de amar. Assim diz hooks:

“Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor.” (Hooks, *vivendo de amor*, 2010).

Diante da colonização racista, o povo negro foi e permanece sendo ferido. Acostumados com a objetificação e a violência da condição de cativos, as pessoas negras acabaram reproduzindo isso em suas famílias. Praticar o amor seria um ato transgressor, necessário para romper essa repetição de hierarquia em seus lares, em que o homem bate na mulher e nas crianças.²² Portanto, hooks salienta que agir de modo amoroso, seja no contexto da escravidão ou mesmo após a abolição, em um

²¹ A dedicação aos estudos era um movimento contra a colonização racista. Porém, com a chegada da integração racial nas escolas, a educação deixou de ser uma instância de luta e transformações políticas, tornando-se uma educação conteudista marcada por pressupostos racistas que insistem em afirmar uma hierarquia entre as raças.

²² Hooks, *Vivendo de amor*, 2010.

cenário de supremacia branca, torna-se desafiador. A repreensão das emoções é tida pelas pessoas negras como estratégia de sobrevivência, já que expressar os sentimentos pode ser interpretado como fraqueza.²³

O caminho para conhecer o amor pode ser penoso, seguido de uma sensação estranha ao que compreendemos de maneira cerceada na infância como ter bons sentimentos e satisfação das necessidades básicas. A família é a primeira instituição responsável por mostrar o amor. Ao pensar sobre sua família, hooks a identifica de modo disfuncional, reconhece os constrangimentos que passou, mas também identifica que recebeu cuidado. Mas ser cuidada não significar ser amada. O cuidado é uma das instâncias do amor, acompanhado de afeição, reconhecimento, respeito, honestidade, comunicação aberta, compromisso e confiança. Então, quando uma pessoa afirma que ama alguém, não pode ser descuidado, nem agir de modo violento, porque o amor não coexiste com o abuso. (Hooks, 2021).

“No entanto, a realidade é que pais que vinham de lares sem amor nunca aprenderam como amar e não conseguem criar ambientes domésticos amorosos, nem sequer os consideram realistas quando se deparam com eles na televisão. A realidade com a qual estão mais familiarizados e na qual confiam é a que conheceram intimamente.” (Hooks, 2021, págs. 69-70).

Assim que percebe a ausência do amor em várias etapas de sua vida, consequência do racismo – que é marcado pela inferiorização e exclusão social das pessoas negras, hooks constata a importância do amor, propondo-o como solução para superar as dores e enfrentar as mazelas da sociedade. Porém, quando faz uma autorreflexão, fica o ressentimento dos abandonos que sofreu, mas também as lembranças amorosas, com um imenso desejo de retornar ao primeiro amor. Isso é imprescindível, pois todos temos esse desejo de sermos amados, mesmo que não assumamos. No entanto, para se permitir ser amada e amar, é preciso estar disposta ao novo, às oportunidades e às possibilidades que surgem.

Na obra *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021), a escritora abre possibilidades para a resignificação do amor, para que não se tolere ataques como

²³ Além do mais, o amor pode ser visto como um luxo, um privilégio branco, já que, diante de muitas exclusões no ambiente escolar e geográfico, como a segregação socioespacial, os negros tentam sobreviver e acabam não tendo tempo para dar carinho, atenção ou se permitir ser amados, e enxergar que o amor não é apenas preencher uma falta material.

expressão do amor. Por conseguinte, a centralização do amor em nossas vidas é identificada por hooks como algo desafiador, pois o mundo está cada vez mais abraçando o desamor, e isso reflete no nosso dia a dia. Ter uma prática amorosa pode transformar esses desafetos e curar as feridas, porém, não é fácil ter essa prática, já que estamos submetidos a uma cultura patriarcal, racista e sexista. O amor é evidenciado como uma potência que intervém em todas as esferas da vida humana, da política às relações íntimas. O amor é mais do que um sentimento; ele é ação e intenção que vai ter sentido em atos no dia a dia.

“Começar a pensar no amor como uma ação, em vez de sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento.” (Hooks, 2021, p.55).

A responsabilidade²⁴ e o comprometimento também podem ser atribuídos à moral, pois, essas duas instâncias se articulam com a virtude por excelência, o amor. Principalmente, na definição de hooks, amor como ação, ato, essas duas instâncias requerem compromisso consigo e com outrem. Amar é também ser prudente conosco e com quem amamos, sentir o que fazemos o outro sentir.

Diante de uma narrativa de si, hooks vai investigar o significado do amor em sua cultura, articulando tanto o popular quanto estudos notórios sobre o tema, sem deixar a razão de fora desse estudo. Além disso, identifica, assim como Christine de Pizan, que as mulheres são protagonistas na arte de amar.²⁵

2.1 A filosofia moderna na construção da identidade negra

A escritora hooks tem uma maior facilidade em falar da ausência do que do significado do amor em sua vida. Muitas pessoas fogem dessa discussão com medo de assumir que foram violentadas e que não se sentem amadas; na maioria das vezes, foram negligenciadas por seus pais. Torna-se necessário aprender que a violência

²⁴ “A ética da responsabilidade quer que respondamos não apenas por nossas intenções ou nossos princípios, mas também pelas conseqüências de nossos atos, tanto quanto possamos prevêê-las. É uma ética da prudência, e a única ética válida.” (Comte-Sponville, 1999, p. 18).

²⁵ A maioria dos livros escritos sobre o amor são de homens; eles carregam essa autoridade do tema por serem amados - são sujeitos passivos dessa grande virtude, mesmo que não queiram debater ou viver o amor. No entanto, quem mais tem autoridade sobre o amor: aquele que pratica ou aquele que apenas recebe? Bom seria amar e ser amado. Porém, assim como na Cidade das Damas de Pizan, hooks concorda que as mulheres contemplam o amor bem mais do que os homens.

não é sinônimo de educação ou amor, pois *o amor é o que o amor faz*²⁶. Enfrentar situações dolorosas com honestidade é um caminho para sua restauração. O amor é necessário para sobreviver, mesmo que não queiramos encará-lo. É preciso sair do pensamento desse amor ideal, sentimentalista e fantasioso que gera padrões comportamentais.

Como já dito, amor é ação, e sua expressão é importante, porque destrói o mito de que reprimir as emoções é o certo a se fazer.²⁷ “Ensinados a acreditar que o lugar do aprendizado é a mente, e não o coração, muitos de nós pensamos que o ato de falar de amor com qualquer intensidade emocional será percebido como fraqueza e irracionalidade.” (Hooks, 2021, págs. 40-41).

A filosofia moderna tem um papel na perpetuação do racismo, sustentando teorias que deslegitimam²⁸ a identidade e o corpo negro.²⁹ Na obra *Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras* (2023), o filósofo e psicanalista Érico Andrade aponta as injustiças e as imposições da colonialidade que interferem até na maneira dos negros de narrarem a si mesmos, tendo em vista os padrões identitários da branquitude. Ressalta a filosofia moderna como uma contribuinte para um conhecimento com bases racistas, inicialmente com a teoria de Descartes: o sujeito cartesiano é uma unidade pensante, que se compraz com a autorreflexão³⁰. Os sentimentos têm uma relação com o mundo externo, e não se deve dar vazão aos sentidos, já que esses podem nos enganar. O sujeito moderno é

²⁶ Hooks, 2021, p.72.

²⁷ “Os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem.” (Hooks, *Vivendo de amor*, 2010).

²⁸ É estratégico para a branquitude pensar o povo negro como uno, pois assim proclamam o identitarismo branco como o único legítimo para narrar a si mesmo. (Andrade, 2023). Hooks narra não só a si mesma, mas outras vivências dos negros. Isto demonstra pluralidade do seu povo, ou seja, quando traz outros modos de viver, sua escrita é resistência aos anseios padronizadores da colonialidade.

²⁹ A construção do racismo na sociedade atrela ao corpo negro uma imagem de inferioridade em relação ao branco, numa tentativa de controlar as experiências singulares ou em grupos e homogeneizar as histórias. (Andrade, 2023).

³⁰ “O sujeito moderno é uma identidade tanto com o desejo de se definir pelo exercício da razão quanto o próprio exercício da razão. (...) O legado cartesiano é o de que não apenas temos uma interioridade, vasta interioridade, mas que ela pode ser identificada com aquele que discursa sobre si mesmo e com o desejo que o move a discursar sobre si.” (Andrade, 2023, p.37).

definido pela razão, e a relação com o corpo é vista como inferioridade, ou seja, alguns são mais humanos que outros.

“Nesse ponto, o sujeito moderno é um sujeito segregatório no sentido que traça critérios identitários para discriminar (dividir, demarcar, diferenciar, separar) os humanos e encontra no corpo, ou melhor em certos corpos, propriedades que indicam um uso apenas acidental da razão. (...) o sujeito moderno é um critério de identificação porque estabelece uma forma de *discriminar* as pessoas de acordo com o uso que elas fazem da razão. (Andrade, 2023, p.39).

Diante da dicotomia cartesiana de matéria e espírito, aquele que se relaciona mais com o corpo e se distancia do autogoverno e do exercício da razão é considerado sem espírito e reduzido ao seu corpo – tendo em vista o corpo como fonte de vícios e necessidades básicas.³¹ Isso representa a distância entre os seres humanos. E assim, a filosofia moderna determina ao corpo negro a condição de sub-humano, pois o que caracteriza a identidade do ser na modernidade é o exercício da razão. Posto isso, o corpo negro fica restrito aos impulsos dos desejos corporais e é subalternizado de acordo com o sujeito racional.³² Porém, aos povos de origem africana essa dicotomia não faz sentido, já que o corpo é integrado à alma e é lugar de sabedoria.³³ Então, esse esforço filosófico repercute como um discurso legítimo para a escravização de pessoas negras. Os europeus as compram como se fossem animais para os servirem na colonização das américas.³⁴

A construção da sociedade brasileira é permeada por valores europeus que contribuem para a discriminação do povo negro. Destacam-se três momentos históricos importantes: o poder da igreja Católica com as missões dos jesuítas, a ciência e o determinismo biológico, e a mudança do regime político para a república, onde o Estado implementou políticas sociais para extinguir o povo negro. (Hofbauer, 2006 apud Cantóia e Penha, 2018). O Estado enxerga o negro como ameaça e, assim, o ideal branco é tido como o caminho para o desenvolvimento e, por consequência, para salvar a população brasileira. Uma das políticas de branqueamento foi promulgada pela constituição de 1934: “Art. 138. Incumbe à União, aos Estados e aos

³¹ Há um esforço filosófico, não apenas em Descartes, mas em Kant, Hegel e Voltaire, para justificar o racismo. Diante da relação dos negros com o corpo e suas características físicas, atrelam isso à animalidade, e assim definem a raça negra com um déficit humano que o faz inferior à raça branca, por vezes, por não compartilhar os mesmos ideias sobre liberdade e modernidade; os filósofos reivindicam a Europa como o farol para a humanidade. (Andrade, 2023).

³² Andrade, 2023.

³³ Rufino, 2019 apud Andrade, 2023.

³⁴ Voltaire, 1775 apud Andrade, 2023.

Municípios, nos termos das leis respectivas: (...) b) estimular a educação eugênica.”.³⁵

2.2 A resistência amorosa das comunidades na preservação de sua identidade

Então, diante de tantos artifícios desmoralizantes às pessoas negras, as comunidades tradicionais resistem a esses processos de violência há muitos séculos. Desde a diáspora africana, dispersão de povos de diferentes etnias para outros territórios, esse processo de desterritorialização é uma saída normalmente involuntária e violenta, e quando chegam a um novo território têm contato com a cultura dominante e precisam assimilar o espaço.

A reterritorialização aconteceu de uma forma dolorosa e trágica, até mesmo por causa das imposições inseridas em suas vidas. Não sabemos nem se tinham “vidas”, pois eram tratados como seres inferiores, sem a mínima autonomia sobre si. (Bastos, 2015, p. 69).

A territorialização desses povos aqui no Brasil e na América, em forma de comunidades, garantiu a permanência identitária, ou seja, a garantia de ter um lar, a criação de afetos, um local de refúgio, acolhimento e possibilidades de ser o que é. Pois, nessas comunidades, as manifestações culturais desenvolvidas eram para recriar memórias dos seus territórios originários e fomentar a identidade e a solidariedade, um espaço propício para reconstrução individual e coletiva.³⁶

“Para garantir a sobrevivência humana em todos os lugares do mundo, mulheres e homens se organizam em comunidades. Comunidades alimentam a vida - não as famílias nucleares nem o ‘casal’, e tampouco a dureza individualista. Não há lugar melhor para aprender a arte do amor que numa comunidade.” (Hooks, 2021, p.161).

Estar em uma comunidade, ou uma família estendida conforme hooks, é um caminho para conhecer o amor, mesmo que não se tenha conhecido o amor na família nuclear. A comunidade abrange pessoas que não necessariamente têm laços sanguíneos, oferecendo possibilidades para amizade, comunicação franca e restauração dos afetos. É um caminho para cura, pois, quando se aprende a amar em comunidade, aprende-se a amar em muitas outras instâncias da vida. Estar em comunidade não significa ausência de conflitos, mas a presença do amor modifica a forma como os conflitos são encarados. O perdão e a compaixão são atos necessários para estar em comunhão com a comunidade; apoiar sem julgar dá mais espaço ao

³⁵ Cantóia e Penha, 2018.

³⁶ Bastos, 2015.

amor. Mesmo que existam atos de desamor, haverá a esperança de regressar ao amor³⁷ “O amor que criamos em comunidade permanece conosco aonde quer que vamos. Orientados por esse conhecimento, fazemos de qualquer lugar um local em que podemos regressar ao amor.” (Hooks, 2021, p.176).

³⁷ Hooks, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A conexão entre Christine de Pizan e bell hooks através dos séculos -

Nos capítulos anteriores, apresentamos o contexto e o trabalho das pensadoras críticas e criativas e aqui, escrevemos a aproximação, o juntar as leituras das autoras estudadas. A relação entre Pizan e hooks é um colóquio amoroso, apesar de estarem em tempos e espaços distintos: Christine de Pizan no medievo europeu, e bell hooks na contemporaneidade dos Estados Unidos da América. Elas escrevem desde condições sociais e educacionais muito distintas para o olhar contemporâneo que as aproxima: uma é mulher medieval branca europeia, nascida em família educada e protegida pela corte real francesa; outra é mulher negra, educada em escolas segregadas racialmente, na pequena cidade de Hopkinsville, no estado de Kentucky, EUA.

O que nos permite aproximá-las é o que fizeram com o que receberam de Fortuna, e a serviço de quem colocaram os talentos pessoais, que tiveram a oportunidade de desenvolver, através de sua formação e compreensão de seu lugar no mundo (patriarcal) em que viviam. Sublinhamos a importância de levar em conta que elas elaboram suas reflexões como mulheres que pensam por si mesmas, a partir de sua experiência e levando em conta outras mulheres e os homens. Autoras, escrevem e publicam seus livros em contribuição, cada uma, para a sua comunidade, em seu próprio tempo, propondo e compartilhando um modo de viver juntos, que cure aquelas dores que não apenas elas, mas muitas pessoas de sua comunidade também padecem, para transformar esta realidade, e a si mesmas.

A seguir, serão destacadas aquelas contribuições filosóficas que identificamos como pontos em comum de aproximação entre suas reflexões, destacando em suas abordagens as semelhanças e diferenças que, ao final deste estudo, foi possível elaborar.

Entendemos que o modo de viver que as autoras nos apresentam é permeado pela potência ética do amor, compromisso com uma educação dialógica e crítica como prática de resistência e a descoberta (ou despertar) para a liberdade de ser e agir.

Ambas são educadoras, no sentido de *educar a dor*³⁸ para nos humanizarmos, uns aos outros, embora apenas bell hooks tenha sido professora por profissão. A educação desempenha um papel fundamental no despertar da consciência individual das autoras, conduzindo-as a um compromisso com a sociedade.

Christine de Pizan, por exemplo, ocupou uma posição privilegiada ao estar inserida na corte de Carlos V. Sua literatura, em verso e prosa, é uma prática de transgressão prudente que denuncia as injustiças cometidas contra mulheres de sua própria época, e de épocas anteriores. Segundo Troch, a Idade Média passa por dois momentos de dominação: imperialista patriarcal e colonial. Ela destaca a urgência de descolonizar a visão dessa época, para revelar a contribuição de mulheres como Christine de Pizan, entre tantas outras.³⁹ Pizan, uma mulher branca, europeia e leiga, escreve de maneira estratégica para ser ouvida e expor as mazelas do patriarcado em seu contexto medieval. Esse patriarcado, além de roubar a sensibilidade e o bom senso masculino, age com perspicácia ao insultar e subjugar o gênero feminino.

Por meio de uma estratégia literária ficcional, acompanhamos o despertar da personagem Christine em *A Cidade das Damas*: por estar muito comprometida com os estudos e com a verdade, é a escolhida por Deus para construir uma cidade-fortaleza para todas as mulheres.

(Dama Razão) “Porém tu, pelo grande amor que dedicaste em busca da verdade, neste longo e assíduo estudo, que tem te retirado do mundo e te deixado tão solitária, mereceste nossa amizade, mostraste digna de nossa visita, como uma cara amiga, para ser consolada por esse momento de tristeza; e para iluminar aquilo que pertuba e estorva tua alma, obscurecendo teu pensamento. (Pizan, 2012, p. 65).

A escrita de Pizan, embora prudente, revela-se intrépida ao incluir biografias de mulheres que nem sempre pertenciam ao contexto cristão. Em sua obra, podemos ler história de mulheres inspiradoras, de todas as condições sociais, como exemplos de estratégias de resistência e defesa, e ainda suas inumeráveis contribuições ao mundo. A autora questiona, de forma cuidadosa, a posição das mulheres na vida intelectual,

³⁸ Madalena Freire, filha de Paulo e Elza Freire, que também refletiu sobre o amor transformador envolvido na ação pedagógica - na própria formação docente, e junto com seus estudantes - que transforma as dores do viver em aprender a ser, conviver e a conhecer. É no vínculo que faz comunidade, e o educador reflete sobre esse outro e instruído pelo desejo e pela paixão lida com essa comunidade que é plural, (re) acendendo os desejos, e educando as faltas, seja afetiva ou cognitiva. FREIRE, Madalena. Educador. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

³⁹ Troch, 2013, p. 2.

num cenário medieval em que a maioria delas só tinha acesso à educação quando reclusas em mosteiros ou provenientes de famílias abastadas.⁴⁰

(Dama Razão) “Vou repetir e não duvides do contrário, pois, se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências como fazem os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências perfeitamente quanto eles. (Pizan, 2012, p.126).

Quando criança bell hooks teve seu primeiro contato com a educação formal em escolas segregadas racialmente, onde suas professoras viam a docência como missão para a luta antirracista, ou seja, “(...) foi nas escolas de ensino fundamental, frequentadas somente por negros, que eu tive a experiência do aprendizado como revolução. (Hooks, 2017, p. 10). A educação segregada que hooks conheceu, portanto, foi uma educação como prática pedagógica de resistência cultural, com uma base fundamentalmente política de luta e reivindicação de dignidade e cidadania para a população negra. Junto com o debate público estadunidense sobre os Direitos Civis naquela época (liderado por Martin Luther King), contribuiu para a construção de questões sobre a posição dos negros na vida intelectual, e a construção de sua resistência cultural:

“Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista.” (Hooks, 2017, p. 10).

Esta educação criticamente comprometida com a realidade vivida e o questionamento bem fundado em relação às desigualdades raciais, sociais e econômicas, também a transformou, "empoderando" crítica e afetivamente sua compreensão do mundo, e potencializando sua atitude criativa, por meio do prazer e da alegria de aprender, como nos conta a autora em seu livro *Ensinando a Transgredir – a educação como prática de liberdade* (2017). No entanto, hooks vivenciou o fim de uma era de escolas segregadas racialmente, que potencializaram uma pedagogia *libertadora* (efetiva e verdadeiramente *abolicionista*⁴¹) das capacidades das crianças

⁴⁰ Schmidt, 2018.

⁴¹ Angela Davis, por exemplo, denuncia que uma parcela significativa da população ainda não pode viver em liberdade, sendo necessária sua *libertação*, ou *abolição* do julgo opressor e injusto da escravidão da população negra nos Estados Unidos e o Império supremacista que permeia o mundo colonizado como um todo. Conferir em seu livro *A democracia da abolição* (Difel, 2019 link: <https://traduagindo.com/2018/09/06/angela-davis-e-a-democracia-da-abolicao-download/>), ou a entrevista concedida a Gina Dent: *A prisão como fronteira - uma conversa sobre gênero, globalização*

negras. Ela continuou seus estudos médios e ingressou na universidade inserida em um sistema educacional permeado por pressupostos racistas, e a favor da hegemonia da branquitude, que reforçavam a ideia de inferioridade da população negra.

“Apesar das experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres.” (Hooks, 2017, p. 13).

A tomada de consciência sobre a herança das mazelas da sociedade colonizada em todas as suas instituições, incluindo a escola, como o machismo e o racismo, trouxe à tona e permitiu nomear aquelas dores que antes estavam apenas latentes. A sala de aula, que inicialmente fora vivenciada por ela como um espaço de prazer, transformou-se em um ambiente hostil, onde constantemente era preciso reafirmar sua posição como mulher negra intelectual. Apesar das dificuldades, a base da boa experiência educacional dos primeiros anos de escola, assim como o contato posterior com obras de pensadores que propõem uma educação libertadora, como aquela que a aproxima criticamente de Paulo Freire, ou de Ron Scapp, entre outros e outras autoras, prevaleceram e indicam um caminho para superar as feridas causadas pelo patriarcado supremacista branco capitalista imperialista.

As vivências nomeadas de dor da população negra, e a cura almejada por hooks por meio de *comunidades pedagógicas*⁴² na sala de aula, especialmente marcadas por sua condição de mulher negra, levam-na a comprometer-se com uma educação transgressora, pautada pelo entusiasmo e pelo desejo de partilha.

“(…) penso que o sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une. Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender – de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo.” (Hooks, 2017, p. 57-58).

O amor, como podemos identificar em ambas as autoras, é consolação ou cura para o sofrimento, vivido ou herdado das gerações, mas também é potência para a ação necessária para transformar a vida e as dores do viver. Em seus textos, cada uma das autoras parte da identificação, descrição e compartilhamento de um

e punição (Revista Estudos Feministas, 2003 link: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200011/9075>).

⁴² As comunidades pedagógicas deste amplo aprendizado transcendem a sala de aula e ensinam a fazer comunidade para reaprender a ver o mundo e transformá-lo, segundo bell hooks. Conferir o livro **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**.

problema que as entristece e abate: hooks percebe a ausência do amor e não sabe quando deixou de senti-lo e recebê-lo, sendo consumida por um sentimento de luto e tristeza. De maneira semelhante, Christine, ao ler o livreto de Mateolo e lembrar-se de outros argumentos misóginos proferidos por homens – uma problemática que perdura até os dias de hoje –, também sofre, mesmo tentando não levar ao pé da letra as falácias proferidas pelos homens. Ainda assim, a gravidade dessas ofensas injustas, entre outros níveis de agressão e violência dos homens, pesa sobre ela e sobre todas as mulheres.

É na construção cuidadosa da Cidade das Damas, orientada pelas filhas da providência divina – Razão, Retidão, e Justiça –, que Christine começa a perceber a incoerência do discurso masculino e os modos de refutá-lo. O amor, como uma das virtudes que orienta as vidas das mulheres narradas no livro de Pizan, fortalece e reergue Christine para, em conjunto com as Damas, edificar uma cidade-refúgio de todas as mulheres que, como ela, padecem sob as palavras e os atos odiosos dos homens.

É possível ler o amor como resistência nas obras de ambas as autoras, embora o termo “resistência” esteja mais diretamente associado a bell hooks, enquanto que “defesa e fortaleza” das mulheres mais diretamente associado a Christine de Pizan.

Em *A Cidade das Damas*, o amor se manifesta também como uma resistência intelectual e moral, transcendendo as limitações impostas pela hegemonia masculina. Um exemplo disso é a memória das santas mártires, que, por amor a Deus, ofertaram suas vidas. O caso de Santa Lúcia ilustra essa resistência: sequestrada pelo rei da Barbária, que pretendia violentá-la, a bem-aventurada faz com que ele mude de ideia. De prisioneira, Lúcia passa a ser protegida no palácio, graças a sua devoção e poderosa intercessão. Sentindo-se chamada a retornar a Roma onde ocorrerá seu martírio, Lúcia convida o rei a abandonar o reino terrestre pelo divino, e ele a acompanha. O martírio de Lúcia aconteceu por ser cristã, e no momento de sua decapitação, o rei também se proclamou cristão: “Eu sou cristão! Dou minha cabeça ao Deus vivo, esse Jesus Cristo, adorado por Lúcia’. Eles foram, todos os dois decapitados e coroados no paraíso, assim como mais outros doze que a bem-aventurada Lúcia havia convertido.” (Pizan, 2012, págs. 301-302).

Há outros casos de mulheres que preferiram a morte a carregar consigo a dor da desonra ou do estupro, como o de Hippo, uma grega, que foi raptada por piratas, e cobiçada por sua beleza. “Quando se deu conta que não podia escapar do estupro, teve tanto desgosto e ficou tão horrorizada com aquilo que preferiu morrer. Jogou-se, pois, ao mar, afogando-se.” (Pizan, 2012, págs. 236-237). Além disso, existiam leis de guerra que legitimavam o estupro das mulheres dos derrotados, como ocorreu com os Sicambros (franceses) após perderem a guerra em Roma. Diante dessa ameaça, as mulheres “Armaram-se contra seus inimigos, fazendo uma fortaleza com seus carros e charretes. Muitas se defendiam como podiam, matando muitos deles.” (Pizan, 2012, p. 237).

As mulheres se mostram constantes no amor, mesmo diante da dor. “Apesar da infelicidade de seus maridos e de ter conhecimento disso, não deixavam de amá-los, nem de agradá-los, sempre confortando e consolando as amantes, com as quais eles tinham filhos.” (Pizan, 2012, p. 199).

O amor em *A Cidade das Damas* se apresenta como virtude⁴³, um princípio moral que orienta as ações das mulheres e demonstra seu compromisso ético. “Dama, agora sei realmente e percebi, outrora que grandes são o amor e a fidelidade que muitas mulheres dedicam aos seus maridos.” (Pizan, 2012, p. 204). No entanto, o amor não se restringe a um sentimento pessoal; é também uma força que sustenta a dignidade e a virtude das mulheres em um contexto de machismo. Embora as mulheres sejam leais e assíduas no amor, a dor não deve ser encarada com conformismo. Essas mulheres permanecem em nossas memórias, resistindo ao tempo e às violências incessantes, tal como muitas outras que hoje lutam para reexistir, buscando uma vida com dignidade.

O entendimento do amor como força ou potência que leva à ação em Pizan se assemelha à concepção de hooks, que vê o amor como potência, uma prática política

⁴³ “O que é uma virtude? É uma força que age, ou que pode agir. Assim a virtude de uma planta e de um remédio, que é tratar, de uma faca, que é cortar, ou de um homem, que é querer e agir humanamente. Esses exemplos, que vêm dos gregos, dizem suficientemente o essencial: virtude é poder, mas poder específico. (...) A virtude de um ser é o que constitui seu valor, em outras palavras, sua excelência própria” (Comte-Sponville, 1999, p. 2).

que molda nosso agir, especialmente na busca por justiça. “O compromisso com uma ética amorosa transforma nossa vida ao nos oferecer um conjunto diferente de valores pelos quais viver.” (Hooks, 2021, p. 124).

Enquanto podemos ler nestas histórias do passado e outras mais recentes diversas estratégias de resistência, individual e coletiva de mulheres como enfrentamento e defesa aos diversos tipos de preconceitos, agressões e violência, é importante sublinhar que as mulheres, em diferentes coletivos ou comunidades, resistem para re-existir⁴⁴, lutando para garantir a sobrevivência e aquelas condições de existência, livre, digna e justa, para as gerações de mulheres do futuro.

É necessário reconhecer que muitos sofreram por processos desumanização, por conta de hegemonias (misóginas, capitalistas e coloniais), então o Estado muitas vezes não garantiu a existência digna de alguns grupos como as comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas), Rita Sagato (2020)⁴⁵, que com seu estudo etnográfico identificar a espiritualidade como uma instância política, que vai garantir a memória, a reexistência de comunidades subalternadas. Recorrer a espiritualidade é estratégico de Christine de Pizan para a continuidade da história das mulheres:

“Eis, assim, que se abre um novo reino do Feminino, bem mais digno do que aquele de outrora, uma vez que as mulheres que serão alojadas não terão de deixar suas terras para conceber ou dar à luz a suas herdeiras, para que se perpetue a propriedade em sua própria linhagem. Aliás, aquelas que hospedaremos agora, ficarão lá eternamente.” (Pizan, 2012, p 185).

Em *Tudo sobre o Amor: novas perspectivas*, bell hooks reforça que o amor não é apenas um sentimento, mas uma ação e um compromisso com a responsabilidade pelas consequências dos atos que escolhemos praticar. É neste sentido que hooks critica a noção de crime passionai (presente em muitas justificativas de feminicídio): “isto é, a ideia de que ele a matou porque a amava demais. Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado.” (Hooks, 2021, p. 55).

⁴⁴ “A reexistência assume o sentido de continuidade de existência; em continuar a existir; uma nova existência, em contraponto à resistência entendida como ação que resiste/bloqueia quaisquer movimentos.” (Achinte, 2013, p. 455 apud Barbosa, 2021, p. 6).

⁴⁵ Conferir em Barbosa, 2021, págs. 6-7.

https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1618150816_ARQUIVO_1fb8f7b040eaf554ccd8991f4da2402.pdf

Para bell hooks, o amor é uma prática, uma ação que envolve cuidado e respeito, capaz de transformar as relações em todas as esferas da vida. Esse amor luta contra as desigualdades sociais e se fortalece na comunidade, proporcionando um local de comunhão para os grupos subalternizados. Pizan, por sua vez, constrói uma Cidade literária que nos enche de esperança por uma sociedade mais justa e mais amorosa. O amor, afinal, tem o poder de nos curar e transformar:

“O amor cura. Quando somos feridos nos espaços onde devíamos conhecer o amor, é difícil imaginar que o amor realmente tenha o poder de mudar tudo. Não importa o que tenha acontecido em nosso passado: quando abrimos nosso coração para o amor, podemos viver como se tivéssemos nascido de novo, sem esquecer o passado, mas vendo-o de uma forma nova” (Hooks, 2021, 237).

Daí a esperança, como já apontamos em Pizan, cuja Cidade também está aberta às mulheres do futuro, e a esperança cultivada praticamente pela transformação desejada por hooks:

“Esperança que nos possibilita continuar o trabalho em prol da justiça, ainda que as forças da injustiça possam por vezes parecer mais poderosas. Como professoras e professores, entramos na sala de aula com esperança. (...) Minha esperança emerge daqueles lugares de luta nos quais testemunho indivíduos transformando positivamente sua vida e o mundo ao seu redor. Educar é sempre uma vocação arraigada na esperança. Como professoras e professores, acreditamos que aprender é possível, que nada pode impedir uma mente aberta de buscar conhecimento e de encontrar um modo de saber.” (Hooks, 2021, p. 20).

Tanto hooks quanto Pizan criticam as convenções sociais que limitam a expressão genuína do amor e que restringem as relações humanas a estruturas opressivas e desiguais entre as pessoas, pela sua condição de nascimento e oportunidades na vida. O tempo e o espaço literário desde onde Christine de Pizan escreve deixaram marcas profundas na história das mulheres e sua educação pelos séculos, cujos legados chegam até nós. Igualmente, somos influenciada(o)s hoje pela reescrita desta história e as contribuições filosóficas e educacionais da escrita de bell hooks, por meio de nossa leitura de ambas autoras. As autoras se conectam não apenas nas críticas às estruturas opressivas, como a violência contra as mulheres e, no caso de hooks, além do gênero, há também o racismo⁴⁶. Aproximam-se pela persistência do amor como força capaz de transformar o desrespeito, garantir a igualdade e promover a empatia nas relações afetivas.

⁴⁶ Como um sistema de dominação que precisa socializar para que todos entendam que um é melhor/superior ao outro (Hooks, 2021).

É uma ética que implica uma outra relação com as coisas materiais, para dar espaço ao cuidado, a preservação, o compartilhamento, e menos acumulação e violência. Por vezes, é necessário o despojamento dos anseios pessoais para oferecer a vida a vocação que Deus chama, seja no matrimônio, na ciência, ou na vida religiosa - como as biografias de santas mártires que Pizan escreve na terceira parte do livro.

Os valores morais expressivamente se modificaram com o passar dos tempos, seja pelas guerras, roubando a esperança de uma sociedade melhor e promovendo destruições, seja o sistema econômico capitalista⁴⁷ que segrega afirmando que certos recursos são só para alguns.

O desamor se tornou norma no dia a dia. E mesmo que hooks fale sobre o amor divino, que o despertar espiritual tem forças para mudar uma cultura mórbida. Principalmente quando bases religiosas se unem para dar pão a quem tem fome, e outros apoios, essa prática amorosa fomenta esperança de superação do racismo capitalista.

“Sejam os budistas estadunidenses trabalhando em solidariedade para libertar o Tibete, ou as muitas organizações de bases cristãs que oferecem apoio na forma de comida abrigo para necessitados do mundo todo, essas manifestações de prática amorosa renovam nossas esperanças e restauram a alma.” (Hooks, 2021, p.112).

Porém, a sociedade está preenchendo seus vazios espirituais, com o consumismo, com a exploração da matéria para acúmulo de capital e poder. Esta ausência de despojamento enaltece *virtudes contrárias* às quais Pizan e hooks apontam. A vida espiritual requer um compromisso, um modo de agir. Além das institucionalizações religiosas, a vida espiritual pode ser desenvolvida fora dela, estando em comunhão com aquilo que te apraz, meditações, comunhão com a natureza.

“O compromisso com a vida espiritual necessariamente significa que abraçamos o princípio eterno de que o amor é tudo, todas as coisas, nosso verdadeiro destino. Apesar da pressão massacrante para nos conformarmos à cultura do desamor, nós ainda buscamos conhecer o amor.” (Hooks, 2012, p. 115).

⁴⁷ Hooks percebe que o patriarcado e o capitalismo influenciam na ruptura dos laços e ampliam as possibilidades de abuso de poder.

A antiética e a antipolítica contemporânea capitalista proclama a ganância, a usura e o tratamento das pessoas como meios e não como fins em sua própria existência. Justificada pela lógica do crescimento da acumulação e cultura do capital, conseqüentemente, o egoísmo toma conta da sociedade, e os atos são baseados na individualidade que é valorizada como soberana em relação à comunidade. Apesar de existirem pessoas que optam por valorizar as relações interpessoais, em vez de se dedicar ao acúmulo material; ainda há muitas pessoas no desespero, e o consumo traz uma saciedade fugaz. O Consumismo se apresenta antes da caridade, e assim o sistema de valores se modifica, onde o material se torna mais importante do que a vida de uma pessoa. O amor não leva à insensibilidade as dores alheias, mas a ganância, sim.

A ética amorosa é a escolha das autoras para a motivação do agir ou a cura das dores culturais, sociais, políticas e éticas corrompidas, em hooks, pelo capitalismo racista, em Pizan, pela misoginia, em apelo às virtudes das mulheres, especialmente pelo amor cristão original (comunidade primeira dos seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré).

“A generosidade e a caridade militam contra a proliferação da avareza, seja na forma de uma gentileza para um vizinho, criando-se um sistema progressivo de distribuição de trabalho, seja apoiando programas de bem-estar social financiados pelo Estado. (...) Quando a política da ganância se torna uma norma cultural, todos os atos de caridade são vistos equivocadamente como suspeitos e são representados como demonstrações de fraqueza.” (Hooks, p. 2021, p. 151).

Por fim, a edificação de uma Cidade-literária por Pizan traz a dimensão afetiva das mulheres como legítimas de serem sentidas, e modifica nossas interpretações a cerca da realidade, como identificar a dinâmica do machismo que apesar de interiorizada, manifesta-se escancarada, e da mesma maneira o racismo se apresenta. A educadora hooks, orienta a aceitar *Eros*, para restabelecermos nossa mente e nosso corpo, e que nessa comunhão possamos transgredir com entusiasmo. Já que *o amor cura*, o amor é bálsamo do corpo e da alma.

“A compreensão de que *Eros* é uma força que auxilia o nosso esforço geral de autorrealização, de que ele pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos como sabemos o que sabemos, habilita tanto os professores quanto os alunos a usar essa energia na sala de aula de maneira a revigorar as discussões e excitar a imaginação crítica.” (Hooks, 2017, p. 258).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariléa de. **bell hooks**. (verbete filósofas). Enciclopédia de Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, p. 21-33, 2021. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

ANDRADE, Érico. **Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

BARBOSA, Vera Lúcia Ermida. A narrativa como estratégia de resistência, o cotidiano como lugar de reexistência. **ANPUH-Brasil-31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro**, 2021.

BARROS, José D.'Assunção. O amor cortês—suas origens e significados. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 195-216, 2011.

BASTOS, Ana Paula Pinto. A diáspora africana numa trajetória geográfica, territorial e libertadora: da África ao Brasil: a liberdade em Redenção. **Cadernos de Geografia**, n. 34, p. 65-72, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Volume 1. Fatos e Mitos. [1949]. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Disponível em: <https://farofafilosofica.wordpress.com/2016/11/21/simone-de-beauvoir-bibliografia-em-pdf/>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

BRASIL. [Constituição (1934)]. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

CANTÓIA, S.; PENHA, A. **Educação geográfica no contexto das relações étnico-raciais no ensino de geografia**. XIX Encontro Nacional de Geógrafos: pensar e fazer a geografia brasileira no século XXI: escalas, conflitos espaciais e crise estrutural na nova geopolítica mundial. João Pessoa, 2018. Disponível em: https://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1522510400_ARQUIVO_EDUCAO_GEOGRAFICANOCONTEXTODASRELACOESETNICO_ENG.pdf Acesso em: 25 de agosto de 2024.

CHAGAS, Leticia; CHAGAS, Arnaldo Toni. A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil. **Psicologia. pt—o portal dos psicólogos**, p. 1-8, 2017. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2010/06/pequeno-tratado-das-grandes-virtudes1.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

CUBÍE, Juan Bautista. **Em defesa das mulheres**. Tradução de Dafne Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DA ROCHA, Aline Matos. A arte e o ato de amar na cidade das damas: uma leitura do amor desde a perspectiva do texto vivendo de amor da bell hooks. **Revista Textos Graduados**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/tg/article/view/14301>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

Eleonora de Freitas Calado, Luciana; Gonçalves Licari, Luzilá. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. 2006. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7590>. Acesso em: 25 de Agosto de 2024.

DEPLAGNE, Luciana Calado. Querelle des Femmes : **Mapeamento em português. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 28-42, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wpcontent/uploads/sites/178/2021/10/PDF-Querelle-des-Femmes-Luciana-Calado.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

FERREIRA, Joseane Passos; DA SILVA, Carolina Gual. Christine de Pizan e a construção da autoridade feminina na Querelle de la Rose. **Revista Mythos**, v. 16, n. 4, p. 26-46, 2022.

FREIRE, Madalena. **Educador**. 7ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HOOKS bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Hooks, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7623716/mod_resource/content/1/bell_hooks_-_Ensinando_comunidade-Editora_Elefante_%282022%29.pdf. Acesso em: 25 de Agosto de 2024.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. Portal Geledés, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

HOSSNE, William Saad. **Dos referenciais da Bioética – a Prudência**. - Centro Universitário São Camilo - 2008 ;2(2):185-196 Disponível em: <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/64/185a196.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. **Anais do. XVI Encontro Regional de História da ANPUH**, 2014.

PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. [1405] Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012. Disponível em: <https://grupochristinedepizan.com.br/livros/>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

SCHMIDT, Ana Rieger. **Christine de Pizan**. (verbete filósofas). Enciclopédia de Mulheres na Filosofia, v. 6, n. 3, p. 1-15, 2020. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

_____. **Christine de Pizan contra os filósofos**. In: Schmidt, A., Zanuzzi, I., Secco, G.(Editoras.). **Vozes Femininas na Filosofia**. Porto Alegre: Editora Lume, UFRGS, 2018: p. 15-38.

SILVA, Daniel Eduardo da. O alegórico e as vozes antimisóginas como estratégia narrativa em Christine de Pizan: a cidade das damas. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

TROCH, Lieve. Mística feminina na idade média historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Revista Graphos**, Dossiê Estudos Medievais, v. 15, n. 1, 2013.

WUENSCH, Ana Miriam. O quê Christine de Pizan nos faz pensar. **Revista Graphos**, Dossiê Estudos Medievais, v. 15, n. 1, 30 jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16315>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

_____. A cidade-mundo de Christine de Pizan. In: BROCHADO, Cláudia; DEPLAGNE, Luciana Calado. (Org.). **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018, p. 112-131.